

Inflação não desacelera em outubro e 88,4% dos consumidores buscam alternativas para diminuir efeitos da alta nos preços

Pesquisa realizada pela entidade, no mês de outubro, apurou que **88,4% dos consumidores catarinenses se sentiram impactados** e estão realizando ações para contornar o aumento dos preços. Apenas 11,6% disseram não ter mudando seus hábitos.

Essa percepção dos consumidores frente a alta da inflação fez com que eles adotassem em média 2,25 ações para mitigar os impactos inflacionários no orçamento familiar. As principais ações estão relacionadas a pesquisas de preço (66,0%), redução na compra de algum item ou produto (38,3%), redução na compra de alimentos fora de casa (30,9%), diversificação de estabelecimento (30,5%) e menor frequência de ida ao mercado (29,8).

Ações dos Consumidores

Ações	Respostas
Faço mais pesquisa de preço	66%
Deixei de comprar alguns itens	38%
Diminuí a compra de alimentos fora de casa (deliverys/restaurantes/etc)	31%
Fazendo compras em mais de um estabelecimento (para aproveitar os preços)	31%
Menor frequência de idas ao mercado	30%
Deixei de realizar/praticar alguma atividade	19%
Economizando em diversas áreas	3%
Redução de gastos de combustível	2%
Precisei buscar outra fonte de renda	1%
Maior controle/planejamento	1%
Busca pela manutenção do emprego	1%
Compra somente o necessário	1%
Criando reserva financeira	1%
Outro	1%

Observação: Respostas múltiplas.

Fonte: Núcleo de Pesquisa Fecomércio SC,

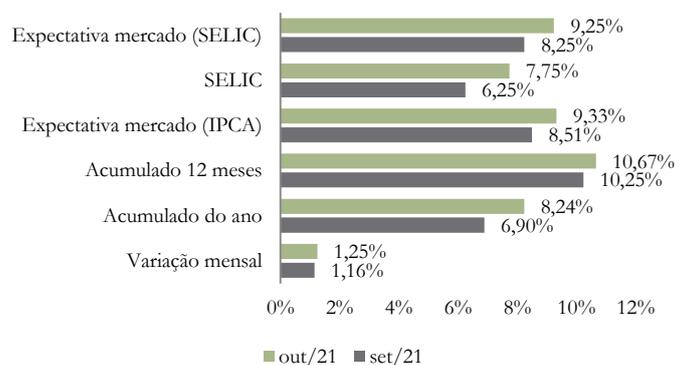
Em outubro, a taxa da inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), **não apresentou sinais de desaceleração e avançou 1,25%** após variação de 1,16% no mês anterior. Esse resultado é o maior patamar para igual período desde 2002 (1,31%).

No acumulado de 12 meses a inflação acelerou e chegou a **10,67%**, maior patamar em 18 anos (13,98%-2003) na comparação com igual período. **No ano, o IPCA acumula alta de 8,24%**. Ambos os resultados infringiram o limite máximo da meta de inflação definida para o ano de 2021 que foi de 3,75%, com margem de tolerância de 1,5 pontos percentuais, para mais ou para menos.

Com esse resultado, fortalece a tendência de manutenção da elevação da taxa de juros. Desde março, a taxa passou de 2,00% para 7,75% ao ano, mas as expectativas de mercado, segundo relatório Focus de 05/11/2021, indica SELIC em 9,25% até o final do ano, portanto, a retirada dos estímulos monetários tende a retardar a retomada econômica.

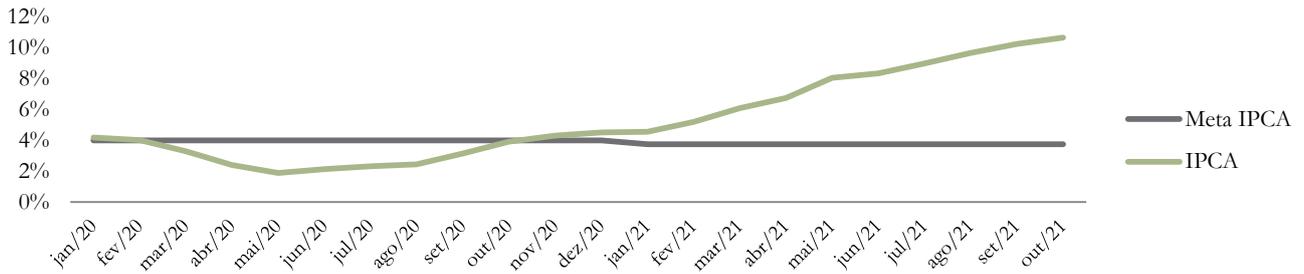
O ciclo de alta dos juros impacta diretamente na expectativa e na confiança do empresário e do consumidor. Em outubro, **o nível de investimento dos empresários regrediu ao nível pessimista, ao diminuir 13,5% frente ao mês anterior**. Esse cenário resulta do ambiente econômico menos favorável, que é refletido no acesso e no encarecimento do crédito.

Resultados do IPCA



Fonte: IBGE e Bacen

Varição Acumulada em 12 meses



Pressão dos preços em diversos produtos

No mês, a intensidade dos choques dos preços atingiu todos os grupos de produtos e serviços. O índice de difusão dos preços, que mostra o percentual de itens com aumento de preços, foi de 66,84, após 64,99% em setembro.

Esse efeito em cadeia está relacionado a componentes importantes, como energia elétrica e combustível, que seguem em alta e são base para formação de outros preços. Com o avanço da imunização e a reabertura das atividades econômicas, a demanda também começa a contribuir para a alta dos preços.

O maior impacto na passagem do mês está relacionado aos grupos de Transporte (2,62%) e Alimentação e Bebidas (1,17%) - ambos aceleraram a elevação dos preços em relação a setembro. O agrupamento de vestuário apresentou alta de 1,80% e foi o terceiro que mais contribuiu para a alta no IPCA, após avançar 0,31% em setembro.

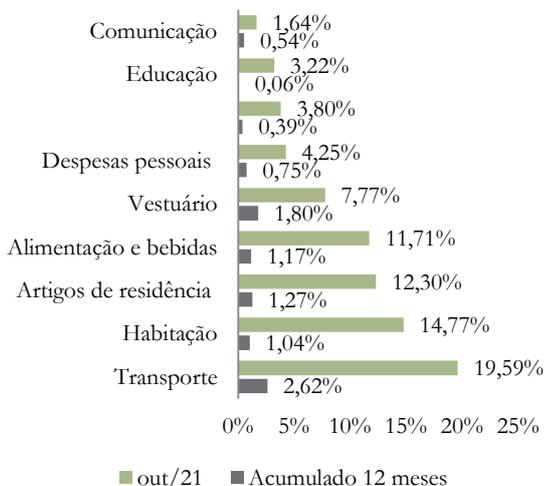
No grupo de transporte a pressão dos preços é reflexo da depreciação cambial e da elevação do barril de petróleo, que chegou ao patamar US\$ 84,34 no final de outubro, acréscimo de 65% frente ao valor do início do ano (US\$ 51,09). Por isso, o etanol (67,41%), óleo diesel (41,34%), gasolina (42,72%) e gás veicular (39,58%) tiveram alta expressiva no acumulado de 12 meses. As passagens aéreas e o transporte por aplicativo estão em movimento de crescimentos e tiveram as maiores altas para o grupo de transporte, 33,86% e 19,85%, respectivamente. Esses itens também sofrem pressão, além da alta dos combustíveis, do lado da demanda, resultante da diminuição do isolamento.

O maior fluxo de pessoas e a procura por serviços de alimentação têm pressionado a alta na alimentação fora do domicílio, que avançou 0,78% diante de setembro e acumula elevação de 6,4% no ano, semelhante a alimentação no domicílio (7,35%).

O grupo de vestuário, que acumula alta em 12 meses de 7,77%, apresentou elevação em todos os itens na passagem do mês, com destaque para roupas (2,01%) e calçados e acessórios (1,44%). Para o agrupamento de artigos de residência a elevação dos preços ocorre para móveis e utensílios e aparelhos eletrônicos, em 13,29% e 11,65%. Esses resultados estão vinculados ao aumento da demanda dos consumidores e da desestruturação de cadeia produtiva, que tiveram fechamento em certos momentos da pandemia, bem como da elevação dos preços de matérias-primas.

Já o grupo de habitação, desacelerou no mês (1,04%), depois de alta de 2,56% em setembro. Entretanto, essa cesta de preços segue pressionada pela energia elétrica, que alcança alta em 12 meses de 30,27%, embora tenha apresentado desaceleração em outubro (1,16%), após alta de 6,47% em setembro. No mês anterior, houve a entrada em vigor da bandeira Escassez Hídrica, que acrescenta R\$ 14,20 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos. Ainda, no grupo de habitação pesa o acréscimo no gás de botijão (3,67%), que acumula alta de 37,86% em 12 meses.

IPCA por agrupamento



Fonte: IBGE